

Por Beatriz Lara (116511) e Letícia Panta (116522).

O modernismo no interior de Minas Gerais: como Cataguases se tornou referência em arte e arquitetura

Situada na Zona da Mata mineira, Cataguases é reconhecida por seu papel singular na arquitetura e arte brasileiras. Com obras de grandes nomes, a cidade combina formas geométricas, linhas retas e integração com a natureza, refletindo um projeto urbano funcional e esteticamente inovador do século XX.

O nome da cidade tem origem nos povos indígenas Coropós, que chamavam a região de “catu-auá”, expressão que significa “gente boa”, uma referência tanto à população quanto ao território. Fundada em 1826 pelo militar Guido Marlière, enviado à região com a missão de fazer a ocupação da área rica em diamantes, a cidade teve seu desenvolvimento inicial guiado pelas diretrizes de seu fundador.

Ao longo do século seguinte, Cataguases foi ganhando destaque. Entre os anos 1940 e 1960, o crescimento e a prosperidade de famílias influentes, como a do escritor Francisco Inácio Peixoto, impulsionou a cultura local. A influência de Francisco trouxe à cidade alguns dos principais nomes da vanguarda artística e arquitetônica do país na época. Oscar Niemeyer, Cândido Portinari, Roberto Burle Marx e Jan Zach deixaram suas marcas em projetos que mudaram a paisagem urbana e consolidaram a cidade como um raro polo modernista fora dos grandes centros.

A expressão arquitetônica da cidade reflete os princípios estéticos e funcionais desse período. Estruturas elevadas sobre pilares de sustentação, fachadas livres e marquises sinuosas em concreto armado são elementos recorrentes nas construções, sempre em diálogo com os jardins, formando um conjunto equilibrado entre natureza e arquitetura. Esse encontro entre arquitetura, arte e natureza é representado por um de seus exemplos mais emblemáticos: a Escola Estadual Manoel Inácio Peixoto, conhecida como Colégios Cataguases. Projetado por Niemeyer entre 1945 e 1949, o edifício tem planta retangular, galeria elevada e espaços que priorizam a leveza estrutural e a integração com o entorno.

Para José Wellington de Oliveira, de 66 anos, ex-aluno do colégio e morador da cidade, a escola sempre se destacou por sua proposta visionária: “É uma escola futurista, arquitetada com qualidade, que representa o que o ser humano imagina como espaço ideal. A gente sente

que foi pensada com carinho, amor e versatilidade”, afirma. Ele, que atualmente é uma pessoa com deficiência, reconhece o valor de uma arquitetura que, já em meados do século XX, incluía rampas, acessos amplos, circulações e salas pensadas para diferentes corpos e mobilidades.

José também lembra dos jardins idealizados por Burle Marx, que eram marcados por espécies específicas de plantas e flores, integrando a vegetação à arquitetura em um cenário harmonioso. Porém, apesar de reconhecer a importância e o valor histórico do colégio, ele lamenta que, com o tempo, parte dessa beleza e cuidado original tenha se perdido um pouco.

Contudo, é preciso pontuar que a arquitetura não se limita ao reconhecimento das obras de grandes artistas na cidade, mas também tem um papel fundamental na história do cinema nacional. Foi lá que, nos anos 1920, Humberto Mauro, pioneiro do audiovisual brasileiro, iniciou sua carreira, dando origem ao chamado Ciclo de Cataguases. Em produções como *Na Primavera da Vida* (1926) e *Brasa Dormida* (1928), Mauro explorou linguagens narrativas e visuais que romperam com os padrões da época, tornando a cidade um dos primeiros polos cinematográficos do Brasil.

Essa tradição segue viva. Em junho de 2025, Cataguases foi escolhida como cenário para as filmagens do longa-metragem *Quinze Dias*, dirigido por Daniel Lieff e produzido pela Conspiração Filmes — a mesma produtora de *Ainda Estou Aqui*, vencedor do Oscar de Melhor Filme Internacional em 2024. A estética urbana da cidade foi um dos fatores decisivos para a escolha da locação.

Além dos projetos assinados por Niemeyer, outras construções reforçam o valor artístico da cidade. A Residência Francisco Inácio Peixoto, projetada em 1940, também é tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e carrega o mesmo espírito de integração entre arquitetura e artes visuais. A cidade é, de fato, um museu a céu aberto, segundo Mário Ferreira, de 43 anos, artista e servidor da seção de patrimônio da Prefeitura Municipal de Cataguases. Ele destaca a existência de diversos locais considerados essenciais, além de afirmar que o IPHAN realiza fiscalizações constantes, para garantir que tudo esteja em conformidade com as exigências. Mário também ressaltou o esforço da Secretaria de Cultura para priorizar ações fundamentais de conservação desses espaços.

Para Mariela Oliveira, arquiteta e urbanista cataguasense, uma das obras que mais se destaca é a Igreja Santa Rita, localizada no centro da cidade. Sua fachada é decorada com azulejos

azuis que ilustram “A vida de Santa Rita”, da pintora Djanira. Para Mariela, essa obra se sobressai pela qualidade artística e localização privilegiada, já que muitos cidadãos passam pelo local com frequência.

Esse patrimônio histórico e artístico desperta um sentimento de pertencimento em quem vive ou já viveu em Cataguases. O jovem Inácio Lippi, de 18 anos, é morador de Cataguases e destaca: “As pessoas de fora não enxergam tão bem isso, mas é uma cidade bastante tranquila, arquitetônica, tem várias obras por lá, e me orgulho de ter a chance de morar em um espaço com tantos arquivos famosos.” Depoimentos como o dele mostram que a “Princesa da Mata”, como é chamada por alguns moradores, é um lugar onde a memória cultural e o cotidiano se entrelaçam, fortalecendo a identidade de seus habitantes.